



DISCRIMINAÇÃO RACIAL:

o eu, o outro e a escola

Keila Dias da Costa*

Rosemary Corrêa Pontes**

Ivone Jesus Alexandre***

...Quando te encarei frente a frente, não vi o meu rosto; chamei de mal gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto; e que Narciso acha feio o que não é espelho...

Caetano Veloso.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre as relações raciais no ambiente escolar. Uma discussão teórica sobre os indicadores sociais dentro da escola que evidenciam os mecanismos intraescolares, como fatores contribuidores de exclusão, diminuição e distanciamento entre o eu e o outro. A sociedade brasileira é caracterizada pela pluralidade étnica, sendo este produto de um processo histórico de três grupos distintos: portugueses, índios e negros. Hoje, temos um país miscigenado, multifacetado, porém, marcado pelo antagonismo e pela imprevisibilidade, percebidos no espaço que a criança negra ocupa na escola. Assim, essa criança vive situações de preconceito, descrédito e difícil inclusão social. Sendo assim, busca-se neste estudo contribuir e compreender a importância da escola, como espaço social, e sua relevância na formação e construção e construção da identidade da criança. Dessa forma, compreendemos que a escola tanto pode ser um espaço de disseminação quanto um meio eficaz de prevenção e diminuição do preconceito.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia. Pós-graduando em **Docência do Ensino Superior** na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

** Graduada em Pedagogia pela UNIPAR Umuarama/PR. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusão Social pela Faculdade Dom Bosco Curitiba/PR. Pós-graduanda em **Docência do Ensino Superior** na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

*** Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduada em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia de Ensino.

Palavras-chave: Educação. Escola x Negro. Mecanismos Intraescolares. Discriminação x Preconceito.

1 ALGUNS PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS

O racismo é fruto de um longo processo de amadurecimento, onde usava-se a mão-de-obra barata e escrava, através da exploração dos povos colonizados brutalmente, não surge de uma hora para outra. Essa exploração gerava riqueza, lucros e poder, onde o branco/europeu era o colonizador e opressor. (MUNANGA, 2005).

No século XV, a discriminação racial atinge seu apogeu, sendo o negro e o indígena, as duas vítimas preferenciais dos colonizadores europeus racistas, que se julgavam seres superiores e dominavam aqueles, destruindo sua economia, modo de vida, costumes e cultura:

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso, mais as necessidades econômicas de exploração, predisuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-histórica (MUNANGA, 1986, p.9).

Segundo Alexandre (2009), o racismo foi criado a partir das desigualdades existentes nos grupos humanos e ganhou forma a partir de supostas teorias científicas elaboradas na Europa, incorporadas por membros da elite intelectual.

Como a teoria do Darwinismo Social, que acreditavam que no passado havia raças puras e que o cruzamento estava 'degenerando a raça'. Para eles, o processo de seleção natural, criaria raças puras. Já a elite intelectual entendia a população negra como seres inferiores, que segundo Munanga (2004, p.55):

Todos, salvo alguma exceção tinham algo em comum, influenciados pelo determinismo biológico do fim do século XIX e início deste, eles acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra e na desnecência do mestiço.

Os intelectuais consideravam que os negros pertenciam a uma raça biologicamente inferior e seriam um problema até para a formação cultural. (ALEXANDRE, 2009).

Na verdade a preocupação tanto dos políticos como dos intelectuais era a formação de uma sociedade comandada por brancos. A miscigenação brasileira tornou-se assunto de discussão e expectativa para a futura raça brasileira. Esperavam que a população negra desaparecesse pela miscigenação:

A população negra diminuía progressivamente em relação á branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas (SKIDMORE, 1976, p.81).

Assim articulou-se uma política imigratória para atender os objetivos do branqueamento. Ansiavam por uma onda branca, que eram os imigrantes, para combater a presença dos negros.

Segundo Alexandre (2009), alguns intelectuais previam que dentro de um século, o Brasil teria uma população branca. Para Silvio Romero o processo de branqueamento demoraria até sete séculos. Foi assim que no Brasil, a discriminação racial passou a ser percebida pela cor da pele, se manifestando de acordo com o poder econômico.

2 MECANISMOS INTRAESCOLARES DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A formação cultural do Brasil é caracterizada pela pluralidade cultural, pela ocupação de diferentes regiões geográficas, pela diversidade das paisagens e pela multiplicidade de visões sobre a miscigenação, algumas ainda presas à desinformação e ao preconceito. Essa cultura plural gera atritos e conflitos em casa, no trabalho, na rua e principalmente na escola. Munanga (2005) e Henrique (2002) em seus estudos sobre as desigualdades sociais no Brasil, mostra a existência de um diferencial entre brancos e negros na questão educacional.

De acordo com os dados da pesquisa de padrões de vida do IBGE, estimamos, por exemplo, que cerca de 5% do diferencial salarial entre brancos e negros está associado à desigualdade educacional, sendo uma parte derivada da discriminação gerada no interior do sistema educacional e outra parte deixada de herança da discriminação educacional infligida às gerações dos pais dos estudantes. (HENRIQUE, 2002, p. 31).

Vemos que os indicadores comprovam que há discriminação nos diferentes setores educacionais. Alexandre (2009), em sua pesquisa, mostra que na escola há mecanismos intraescolares que contribuem para que essa realidade se amplie, dificultando o sucesso escolar dos alunos negros.

Um dos responsáveis pelo fracasso e exclusão do aluno negro na escola, são os mecanismos intraescolares. Segundo Alexandre (2009), a avaliação, o conteúdo, o livro didático, a metodologia, o currículo, a prática pedagógica, têm contribuído negativamente o

desempenho escolar das crianças negras, gerando um autoconceito negativo, cheio de amarras, atrasando ou até mesmo impedindo o crescimento intelectual das crianças negras.

Para Candau (2003), o currículo trabalhado invisibiliza o negro, apaga, exclui a expressão cultural. Alguns aspectos desse currículo levam ao insucesso e/ou fracasso escolar, ficando responsável por esse fracasso apenas o aluno negro.

A instituição escolar representa um microuniverso social que se caracteriza pela diversidade social e cultura e por muitas vezes, reproduzir padrões de conduta que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem as práticas sociais, mais amplas. Podemos dizer que ainda que valores como igualdade e solidariedade, respeito ao próximo e as diferenças estejam presentes no discurso da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam que preconceitos e estereótipos, também integram o cotidiano escolar. (CANDAU, 2003, p. 24).

Em relação aos conteúdos escolares, estes estão totalmente desvinculados do cotidiano dos alunos. Os alunos não conseguem estabelecer relação alguma com o conteúdo apresentado pela escola e a realidade de seu dia-a-dia. Segundo Alexandre (2009) são conteúdos desprovidos de criticidades, desvinculados ao meio que vivem, causando assim inibição e desconforto nos alunos negros, fazendo-os se fecharem a esse ambiente hostil, carregado de preconceito, impedindo-os de se expressarem livremente sobre sua condição de vida.

Outro fator preocupante é a prática pedagógica de alguns docentes, carregadas de atitudes explicitamente discriminatórias. Segundo Cavalleiro (2000), em suas pesquisas com crianças, há um diferencial no tratamento afetivo do professor em relação as crianças negras. A autora constatou falas preconceituosas, estereótipos e até mesmo atitude passiva e silenciosa frente a atitudes de preconceito e discriminação. É assim, que nessas interações, as crianças aprendem o significado de ‘pertencer a uma determinada raça’, internalizando, inculcando, criando e recriando o significado social de raça. Segundo Fazzi (2004) o preconceito racial, cresce e ganha dimensão no processo de socialização infantil, e é nesta fase que o pensamento racial está em elaboração. As crianças negras se sentem inferiorizadas, diminuídas com as gozações e xingamentos.

Carvalho (apud ALEXANDRE, 2005, p.94), em sua pesquisa sobre avaliação e classificação racial, constatou que os professores ao avaliar:

Tanto tendiam a perceber como crianças negras com problemas de aprendizagem, com relativa independência de sua renda familiar, quando tendiam a avaliar negativamente ou com mais rigor o desempenho de crianças percebidas como negras. (CARVALHO, 2005, p.94).

Independente do comportamento dos alunos negros, o desempenho da aprendizagem, dependia da sua cor de pele, sendo esse aluno disciplinado ou não.

A avaliação escolar passa a ser um instrumento de desigualdade racial, carregado de preconceito, a coexistência do eu e outros inexistentes e desestabilizados. Não há reconhecimento, nem prestígio, há uma cristalização de pensamento em ideias estereotipadas, que causam mal-estar e desconforto perante o outro, esse comportamento é denominado preconceito. Para Heler (1998) “o preconceito está pautado em um forte componente emocional, que faz com que os sujeitos se distanciem da razão”. Os sujeitos que possuem esse tipo de crença constroem conceitos próprios, que são fios condutores para a disseminação do preconceito, pois se encontram em consonância com os interesses de grupos dominantes socialmente, que se utilizam de seus aparelhos ideológicos para difundir a imagem depreciativa do negro. Esses estereótipos geram ódio e intolerância, inviabilizando a sua inclusão social. A consequência dessas construções preconceituosas é a manifestação da ‘discriminação’, uma ação que pode variar desde a violência física, até a violência simbólica, manifestada por rejeições, imputada a sua identidade, por não estar coerente com o padrão estabelecido pela sociedade (branco/europeu).

Alguns materiais didáticos e paradidáticos passaram por mudanças, mas alguns livros ainda possuem textos e imagens de cunho discriminatório com os alunos negros. Costa (2005) em sua pesquisa sobre o livro didático de Língua Portuguesa, percebeu que os alunos reproduzem situações de discriminação contra seus colegas negros, implícitos nos textos verbais e não verbais.

Eis o papel do docente, que é imprescindível no trato das questões de comportamento discriminatório e racial. Segundo Alexandre (2009, p. 25), “o professor é peça fundamental para promover a melhoria da qualidade educacional para o aluno negro, é a chave principal para a abertura de uma prática pedagógica reflexiva, interventiva, desvinculando os estereótipos vinculados a imagem do negro”, construídas consciente de reproduzir inconscientemente pelo sistema ideológico vigente, a que se mudar de postura, e o professor como mediador aliado nessa luta, engajado nesse processo de reconhecimento de extensão do ‘eu para o outro’.

3 O LUGAR DO NEGRO NA ESCOLA

De acordo com os dados fornecidos por órgãos de pesquisas como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) é observado que 40% das populações negras e

pardas são analfabetas, ou seja, possuem menos de quatro anos de estudo funcional, índices de baixo rendimento, de reprovação e evasão maiores que o das crianças brancas. Para explicar esses fatores temos alguns indicadores: a necessidade precoce do ingresso escolar para complementar a renda familiar, a dificuldade da inserção da criança negra no esforço escolar, uma exclusão simbólica, já que a criança tem acesso a matrícula e a sala de aula, mas não é aceita no contexto mais amplo. Segundo Menezes, a ausência de negros nos trabalhos sobre datas comemorativas, em geral ilustradas com uma família branca, a ausência de conteúdos, onde a criança negra irá conhecer sua história, que vai além da escravidão, levam a criança negra a não se reconhecer em nada no ambiente escolar. Assim, elas consideram-se incapazes, inferiores, abandonando a escola. Segundo Menezes, a dificuldade de auto aceitação, compromete sua identidade, devido a atribuições negativas de seu grupo social. Essa internalização do discurso alheio ocorre porque a avaliação antes de serem pessoas, é social.

Nossa identidade é resultado de um processo dialético entre o que é de caráter individual e cultural, um processo sócio histórico, criado e recriado. É pelo olhar do outro que me constituo sujeito. Ou seja, é a qualidade desse olhar que contribui para o grau de autoestima da criança. A mensagem transmitida é que para se afirmar como pessoa, o negro tem que ser branco, negar o seu corpo e sua cultura, enfim sua etnicidade.

O resultado dessa mensagem é o desvirtuamento da identidade individual e coletiva, ocorrerá um silenciamento do preconceito por parte da criança e do cidadão ao longo de sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano escolar está inclinado para corresponder ao padrão branco/europeu, negligenciando os valores referentes às matrizes africanas. Desculturalizando suas origens levando e acentuando o estigma de ser inferior. Essas ações preconceituosas despersonalizam a cultura afro e dificulta e inviabiliza a inserção da criança no sentimento de pertencer ao ambiente escolar comprometendo sua autoestima, impossibilitando-a de ter crescimento e autoconhecimento individual e cultural.

Segundo Romão (2001), reverter esse quadro, só será possível se a escola mudar de postura, investindo na busca de estratégias que atendam as necessidades dos alunos negros, estimulando e incentivando-os nos níveis físico, cognitivo e cultural. Resgatando a autoestima cultural, e a autonomia individual, pois a escola é ponto de encontro e de embate de

diferenças étnicas, podendo ser instrumento eficaz para prevenir e diminuir o processo de exclusão social e preconceitos discriminatórios pelas crianças negras.

O espaço escolar poderá proporcionar discussões a respeito das diferenças, reconhecendo e valorizando a cultura africana, até então negados pela cultura dominante. Através dessas ações, será possível reconstruir um conhecimento de si mesmo e do outro, das relações raciais tão desgastadas pelas diferenças étnicas.

DISCRIMINACIÓN RACIAL: el yo, el otro y la escuela

RESUMEN¹

Este trabajo presenta una analice sobre las relaciones raciales en el ambiente escolar. Una discusión teórica sobre los indicadores sociales adentro de la escuela que evidencian los mecanismos intra escolares, como factores que aportan con la exclusión, disminución y distanciamiento entre el yo y el otro. La sociedad brasileña es caracterizada por la pluralidad étnica, siendo este producto de un proceso histórico de tres grupos distintos: portugueses, indios y negros. Hoy, tenemos un país miscigenado, con muchos ángulos, sin embargo, marcado por el antagonismo y por la imprevisibilidad, percibidos en el espacio que el niño negro ocupa en la escuela. Así, ese niño vive situaciones de preconceito, descrédito y difícil inclusión social. Siendo así, buscase en este estudio aportar y comprender la importancia de la escuela, como espacio social, y su relevancia en la formación y construcción y construcción de la identidad del niño. De esa forma, comprendemos que la escuela tanto puede ser un espacio de diseminación cuanto un medio eficaz de prevención y disminución del preconceito.

Palabras clave: Educación. Escuela x Negro. Mecanismos Intra escolares. Discriminación x Preconceito.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ivone Jesus. **Relações Raciais:** um estudo com alunos, pais e professores. Cuiabá: Ed UFMT, 2009.

¹ Tradução realizada por Maria de Lourdes Alves Bedendi (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

ABRAMOVAY, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério: Construção Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: Desempenho escolar e classificação racial de alunos. In: **Anped**, jan/fev/mar/abr, 2005, n. 28.

CAVALLLEIRO, Eliane. **Do silêncio escolar ao silêncio do lar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

COSTA, Cândida S. O Livro Didático no Contexto Escolar. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues (Org.). **Cadernos NEPRE**, Cuiabá: Ed UFMT, nº 01, janeiro-junho 2005, p. 75-82.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

HELLER, A. Sobre os preconceitos. In: Agnes Heller. **Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e terra, 1988.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas em educação**. Brasília: UNESCO, 2002.

KABENGELE, Munanga (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. ver. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

MENEZES, Valéria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escolar**. Agosto, 2002.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In CAVALLLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.